

**O NAZAREU PARA ISRAEL:  
Resistência e superação a partir de Mt 2,13-15.19-23**

*Mauro Negro*<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo busca apresentar o conhecido episódio que envolve a família de José, Maria e Jesus na fuga e permanência no Egito e seu posterior retorno para Israel. Fazendo uma leitura sincrônica o artigo considera alguns aspectos da liderança de José e os movimentos das pessoas envolvidas no episódio. Evidencia seus sinais proféticos e messiânicos e, finalmente, põe em destaque a superação da crise da perseguição.

**Palavras-chave:** Narrativas da Infância. Egito. Israel. José. Crise. Superação.

## INTRODUÇÃO

O texto de Mt 2,13-15.19-23 apresenta ao leitor idéias importantes para a compreensão da identidade de Jesus. Mais do que oferecer uma biografia de Jesus, os textos dos primeiros capítulos de Mateus e Lucas apresentam uma teologia de sua identidade: pessoa e missão. É esta a tese de fundo deste artigo. Os impasses criados na história pelas situações da narração e as superações com as quais os personagens, com criatividade, respondem e sugerem ao leitor a ação de Deus na história e a necessária atenção dos que nele colocam a sua confiança. Além disto, demonstram, de modo narrativo, uma superação de crise com um ato de conotações simbólicas que legitima a identidade de Jesus em sua missão. É um texto de grande expressão teológica sobre a pessoa de Jesus.

Uma possível leitura desavisada do texto de Mt 2,13-15.19-23 deixa mais à mostra as atitudes dos magos do que a resposta inteligente e criativa de José na administração da família que lhe é confiada. Os movimentos da família formada por José, Maria e Jesus, desde a ida ao Egito, breve permanência por lá e retorno para a Terra Prometida, como em um novo Êxodo, chegando até a Galileia, são mais importantes e devem ser enfocados com atenção. Eles compõem um quadro narrativo mais elaborado que o da inteligência dos magos, e certamente mais em consistência com imagens teológicas que se apresentarão em torno à figura de José,

---

<sup>1</sup> Presbítero da Congregação dos Oblatos de São José. Professor de Teologia Bíblica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia N. S. Assunção. Doutorando em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

sempre em função da identidade de Jesus. Este é o pressuposto do presente artigo. As ações de José, liderando sua família, são sempre em função da pessoa e missão de Jesus, isto é, de sua identidade. A superação da sequência de crises pelas quais passa esta família é fruto da atenção do novo patriarca que, seguindo o seu antigo modelo do Gênesis<sup>2</sup>, compreende os sonhos e age de modo positivo e decidido. Mais do que “criatividade” o que se vê é “obediência de fé”<sup>3</sup>.

A pergunta a respeito da historicidade do relato em questão e de seu entorno narrativo é natural. Sobre isto muito já se escreveu e, parece, ainda será escrito. Um bom panorama introdutório a respeito encontra-se em Theissen e Merz<sup>4</sup>. Outra obra, não tanto de exposição crítica, mas de comentários sobre a evolução da pesquisa é a de Fabris<sup>5</sup>. A estas duas podem-se acrescentar muitas outras de caráter mais concentrado ou resumido. Fabris, que apresenta o histórico da questão de modo mais resumido, argumenta:

Por força da sua origem “do Espírito Santo”, ele [Jesus] é “o Emanuel, o Deus conosco” (Mt 1,20-23) e o “santo, Filho de Deus” (Lc 1,25). Só nesse contexto, em que são reveladas por Deus a origem e a identidade misteriosa de Jesus, é que se fala da sua concepção virginal. A origem davídica de Jesus é assegurada através de José, filho de Davi, cuja árvore genealógica se expõe, remontando até Abraão (Mt) e Adão (Lc). O nascimento de Jesus em Belém de Judá é afirmado pelos dois evangelhos da infância, em conexão com a messianidade de Jesus, descendente de Davi, o belemita. (...) Para Mateus (...) é natural que Jesus nasça em Belém, pois José mora lá junto com Maria, sua esposa. Contudo, o primeiro evangelista deve fazer concordar a tradição com a bem-conhecida origem de Jesus, chamado “Nazareno” (Mt 2,23).<sup>6</sup>

Entre muitas propostas de estudo e sistematização do que se conhece e já se produziu sobre os capítulos iniciais de Mateus e Lucas, nos quais se encontram os relatos em questão, parece que Brown é um dos que mais se aprofundou na análise<sup>7</sup>.

<sup>2</sup> José do Egito, um dos doze patriarcas filhos de Jacó/Israel é o modelo teológico de José, esposo de Maria e pai legal de Jesus. Ele tem um papel de notável importância na “Abertura do Evangelho de Mateus”. José do Egito é também um modelo (*tipós*) de Jesus.

<sup>3</sup> Será Paulo, na carta aos Romanos, que desenvolverá a questão da adesão de fé por parte de Abraão. Em seu entendimento este foi o dado que permitiu acontecer a manifestação de Deus na história. Fé e Esperança, enquanto virtudes teológicas, vêm juntas e como consequência na teologia paulina.

<sup>4</sup> THEISSEN, G.; MERZ, A. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2009.

<sup>5</sup> FABRIS R. *Jesus de Nazaré: história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988, p. 7-118.

<sup>6</sup> FABRIS, *Jesus de Nazaré*, p. 83.

<sup>7</sup> BROWN, R. E. *O nascimento do Messias: comentário das narrativas da infância nos Evangelhos de Mateus e Lucas*. São Paulo: Paulinas, 2005. O texto oferece um vasto conjunto de argumentos e estudos a respeito. Sua abordagem dos textos em questão os considera como “Narrativas da Infância”, como o próprio subtítulo da obra o indica. Mas ele pontua muito claramente estas narrativas como significativas para a compreensão do fenômeno histórico Jesus: “Que as narrativas da infância fazem realmente sentido como parte de seus respectivos evangelhos será o *leitmotiv* deste livro. Fossem ou não históricas, estivessem ou não fundamentalmente no depoimento de testemunhas oculares, tivessem ou não existência pré-evangélica, Mateus e Lucas consideraram

Talvez um problema fundamental para uma correta compreensão dos relatos e dos temas apresentados em Mateus 2,13-23, bem como do conjunto de capítulos Mateus 1-2 esteja na complexidade dos mesmos. Ela é parte da complexidade do próprio fenômeno Jesus, como afirma, de modo um pouco irônico, Meier: “Em geral os pregadores nos exortam a imitar o ‘Jesus simples’ - uma criatura que existe somente na imaginação deles. Tudo a respeito de Jesus era complicado, até mesmo seu nome”<sup>8</sup>. Jesus não é “simples” pelo fato que a seu respeito os textos são resultados complexos de reflexão teológica com elementos históricos, postos em roupagem literária catequética.

Há muito para se dizer a respeito destes versículos e o espaço deste artigo não comportaria um comentário. Assim, a presente análise será sobre algumas perspectivas mais evidentes que o texto propõe ao leitor. Dentre estas perspectivas parece que uma é marcante, embora não muito valorizada. Trata-se da superação da crise criada pela perseguição de Herodes sobre Jesus.<sup>9</sup> Para superá-la acontece uma ação criativa dos personagens. Tal ação criativa, justificada por afirmações proféticas, oferece o tom messiânico complexo ao inteiro texto de Mateus.

## 1 ABERTURAS DOS EVANGELHOS

### 1.1 Identificação

Os dois primeiros capítulos de Mateus e Lucas precisam de uma abordagem específica quando confrontados com os demais textos narrativos. As dificuldades na compreensão destes capítulos são de diversas ordens. A própria natureza dos mesmos impõe um tipo de aproximação que, deixando de ser piedosa<sup>10</sup> deve abrir ao leitor do conjunto dos textos as perspectivas de compreensão do Mistério que transmitem. Assim o texto de Mt 1-2 que contém a perícopa 2,19-23, teve já muitos nomes, junto ao texto de Lucas 1-2, tais como: “Evangélicos da Infância”, “Narrativas da Infância”, “Pré-história dos Evangelhos”, “Aberturas dos Evangelhos”, etc.

---

as narrativas da infância reproduções apropriadas para o ministério e o significado de Jesus.” Cf. R.E. BROWN, Op. cit., p. 48.

<sup>8</sup> MEIER, J. P. *Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 205.

<sup>9</sup> Brown apresenta todo um capítulo sobre esta questão. O leitor mais interessado deve consultar este importante estudo e encontrará lá material farto a respeito.

<sup>10</sup> E até “romântica”, em alguns casos. Isto sem falar de elementos folclóricos e míticos. Por outro lado, são eles, tais elementos românticos e folclóricos, que perduram no imaginário cristão e como tais têm o seu valor, seguramente.

Para Crossan e Borg o conjunto dos relatos da natividade de Jesus, com este episódio da fuga e retorno para o Egito, são como “parábolas”<sup>11</sup>: “[...] consideramos que a melhor maneira de compreender as histórias da natividade e seus significados é tratá-las não como fatos nem fábulas, mas como *parábolas*”<sup>12</sup>. Os referidos autores propõem que os relatos de introdução dos Evangelhos são como eles chamam de “aberturas parabólicas”<sup>13</sup>. Eles pontuam aquilo que parece realmente ser muito coerente: o paralelo entre Jesus e Moisés; Herodes e o faraó; a perseguição a Jesus e a perseguição dos meninos hebreus; a matança dos inocentes e a matança dos meninos no Egito. Os mesmos autores encontram muitas relações internas dos textos de Mt 3-28 em relação a 1-2 e são coerentes nestas apresentações. Mas excluem toda possibilidade de fundamento histórico.

Propomos que as histórias do Natal, [...] são também, primordialmente, aberturas parabólicas, porém baseadas na tradição bíblica e não em fatos históricos. Cada uma é seu próprio Evangelho em miniatura. Assim, quando Mateus 1-2 e Lucas 1-2 são combinados numa única história da natividade - por exemplo, na imaginação cristã padronizada ou no presépio cristão tradicional - ela é todo o evangelho cristão em miniatura. Quando aprendemos isso, compreendemos tudo; quando o deixamos escapar, perdemos tudo de vista.<sup>14</sup>

Outro insigne estudioso do fenômeno histórico e teológico de Jesus, Meier, considera de modo mais abrangente o tema dos relatos que um certo consenso entre leitores chama de “Evangelhos da Infância”. Ele diz:

[...] mesmo em Mateus e Lucas, as Narrativas da Infância permanecem em relativo isolamento; trata-se de composições distintas, provenientes de tradições diversas daquelas encontradas em outras partes dos Quatro Evangelhos - e, na verdade, no restante do Novo Testamento. O esboço da primitiva pregação cristã, refletida nos Evangelhos de Marcos e João, os sermões dos Atos e os primeiros credos e hinos nas epístolas do Novo Testamento, não indicam nenhum conhecimento dos eventos das Narrativas da Infância.<sup>15</sup>

Desenvolvendo a questão da estrutura das narrações das aberturas do Evangelho, Meier afirma, dentro de um contexto mais amplo de análise: “Mais difíceis de harmonizar são os relatos divergentes das viagens de José e Maria nas duas Narrativas da Infância e nos dois

---

<sup>11</sup> BORG, M. J; CROSSAN, J. D. *O primeiro Natal: o que podemos aprender com o nascimento de Jesus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 47-70.

<sup>12</sup> BORG; CROSSAN, *O primeiro Natal*, p. 48.

<sup>13</sup> BORG; CROSSAN, *O primeiro Natal*, p. 54.

<sup>14</sup> BORG; CROSSAN, *O primeiro Natal*, p. 70.

<sup>15</sup> MEIER, *Um judeu marginal*, p. 209.

esquemas “geográficos” que são a base das histórias”<sup>16</sup>. Tendo pontuado a questão em suas dificuldades, e discorrendo sobre a natureza dos relatos de Mt 1-2, bem como de Lc 1-2, Meier não define um gênero específico para estes textos, ficando com o clássico “Narrativas da Infância”<sup>17</sup>.

Outros dois comentaristas dos mesmos textos, Theissen e Merz<sup>18</sup>, não definem ou identificam estes capítulos de Mateus (e de Lucas), deixando até de analisá-los mais a fundo como seria de se esperar. O que estes autores deixam relativamente claro é a filiação davídica de Jesus como ponto necessário de sua identidade messiânica.

## 1.2 Identificação a partir de uma interpretação

Parece que grande problema de interpretação das aberturas dos Evangelhos e, em especial, destes textos que, como narrações, propõem “fatos” marcantes e decisivos sobre a pessoa de Jesus e sobre os que o cercavam, mormente seus pais, é o problema de como pontuar sua historicidade.

O tema da historicidade é amplamente abordado por praticamente todos os comentaristas. Uma análise primária sugere que a maioria não considere os fatos narrados como históricos no sentido de uma biografia moderna. É a interpretação de sua índole não histórica ou uma pontuação meta-histórica que determina sua proposta exegética e teológica. A respeito disto Brown apresenta um capítulo de sua obra<sup>19</sup>. Ele afirma, com muita propriedade, no final de sua análise:

Agora parece que os estudos bíblicos iniciam uma etapa mais fecunda de pesquisa ao procurar recuperar o valor das narrativas da infância como teologia. Nos últimos vinte anos, a atenção da pesquisa evangélica em geral passou da história pré-evangélica das narrativas e dos ditos a respeito de Jesus para o papel desses ditos e narrativas nos evangelhos completos.<sup>20</sup>

Depois desta afirmação, Brown continua com a pontuação que parece ser a melhor proposta para a questão da hermenêutica dos textos em questão:

<sup>16</sup> MEIER, *Um judeu marginal*, p. 211.

<sup>17</sup> São muitas as citações a respeito. Notem-se as iniciais maiúsculas “Narrativas da Infância”, que sugerem conceitos teológicos.

<sup>18</sup> THEISSEN; MERZ, *O Jesus histórico*, p. 218–220.

<sup>19</sup> BROWN, *O nascimento do Messias*, p. 33–51. Digno de nota é a ampla bibliografia a respeito.

<sup>20</sup> BROWN, *O nascimento do Messias*, p. 48.

Que mensagem o evangelista procura transmitir à Igreja por meio delas?<sup>21</sup> Essa mudança de enfoque é perigosa quando leva à negligência de questões de fonte, historicidade e gênero literário, mas é salutar em sua reafirmação que a tarefa primordial da exegese é descobrir o sentido do texto existente.<sup>22</sup>

Estes textos podem ser abordados de uma maneira que, embora não prática de ser indicada, seja em termos de texto escrito seja na oratória, parece ser bem oportuna. O biblista italiano Stramare pontua sua proposta:

*Os fatos e as palavras* constituem juntos, a “história da salvação”. Trata-se de *fatos históricos* relativos ao povo de Deus, Israel, interpretados pelas *palavras dos profetas*, os quais lhes revelaram o significado sobrenatural na linha de um preciso projeto de Deus. Tais fatos completam, enfim, o seu ápice e cumprimento na “plenitude dos tempos”, com a *presença histórica* de Jesus, o qual, com a sua *palavra*, revela a sua identidade divina, o significado das suas ações e o escopo de sua missão *por nós homens e para a nossa salvação*.<sup>23</sup>

Depois de abordar de diversos modos a questão de quais são estes “Mistérios” citando inclusive o Catecismo da Igreja Católica, Stramare discorre de modo lapidar sobre a índole destes textos identificando-os simplesmente como “Evangelhos”. O autor cita e comenta a expressão “Evangelhos da Infância” e então tenta demonstrar a unidade literária destes tais “Evangelhos da Infância” e os textos que se lhe seguem. Estes “Evangelhos” serão a demonstração dos fatos e das palavras de Jesus, intimamente conexos e, por isso, cabíveis de credibilidade<sup>24</sup>.

*Tuttosommato*, como dizem os italianos, existem dificuldades não apenas na interpretação da historicidade e sua possível extensão ou da índole teológica dos textos em questão. As dificuldades estão até na possibilidade de nomeá-los expressando assim uma identidade e natureza.

O famoso biblista Joaquim Jeremias bem comentou a questão da historicidade em mais de uma ocasião e argumentou sobre ela<sup>25</sup> de diversos modos. Talvez Crossan tenha razão quando, no início de um de seus textos, compara o Jesus histórico com uma partícula

<sup>21</sup> Trata-se sempre das narrativas: a pergunta se refere às narrativas da infância.

<sup>22</sup> BROWN, *O nascimento do Messias*, p. 48. É motivado por esta afirmação que este artigo e muito material como este ainda é escrito, pois a segurança do pesquisador é que um mesmo texto pode e tem, seguramente, uma atualização e um novo enfoque. Ou é o mesmo enfoque, mas com luzes diferentes, pois são diferentes os leitores.

<sup>23</sup> STRAMARE, T. *San Giuseppe: daí Padri della Chiesa agli Scrittori Ecclesiastici fino a San Bernardo*. Domenicana Italiana: Napoli, 2009, p. 17.

<sup>24</sup> STRAMARE, *San Giuseppe*, p. 35.

<sup>25</sup> JEREMIAS, J. *Estudos no Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2006, p. 24–26.

subatômica: ela não pode ser vista, mas o conjunto das evidências ao seu redor e todo o corpo de matéria na qual ela interfere demonstram, ainda que de modo indireto, sua existência<sup>26</sup>.

## 2 O TEXTO DE 2,13-15.19-23 EM MATEUS

Os dois primeiros capítulos de Mateus compõem-se, como indica Brown, de cinco partes distintas, antecedidas por uma introdução, tecidas textualmente com uma sequência narrativa bem feita. O autor apresenta o texto dividido em três cenas, o que aqui se chama de “passagens”. Segundo ele, as partes são: Introdução: 1,1-17; Passagem 1: 1,18-25; Passagem 2: 2,1-12; Passagem 3: 2,13-15; Passagem 4: 2,16-18; Passagem 5: 2,19-23<sup>27</sup>. Note-se que cada parte, à exceção da Introdução (e talvez por isso mesmo!) é assinalada por uma citação do Antigo Testamento, inclusive a última, que é parte do tema central deste artigo. Ela tem indicada para si a citação de Isaías 4,3, seguida de um ponto de interrogação [?], o que levanta hipóteses. Pode-se fazer muitas considerações a respeito do conjunto destes textos e sua divisão<sup>28</sup>.

No segundo capítulo de Mateus os vv. 1 a 12 põem em evidência o curioso episódio dos magos que, vindos do Oriente, buscam o “rei dos judeus” para adorá-lo. Aqui se podem encontrar elementos interessantes de superação de crise e desdobramento de novas perspectivas narrativas e teológicas. Estes elementos serão desenvolvidos na próxima perícopo, inserida na narração da criatividade de José que defende sua família tal como seu homônimo patriarca do Antigo Testamento defendera os seus na narração de Gênesis. O

<sup>26</sup> CROSSAN, J. D. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu no Mediterrâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 26.

<sup>27</sup> BROWN, *O nascimento do Messias*, p. 63.

<sup>28</sup> Eis alguns: 1) Certos vv. poderiam ser destacados da contagem destas sete partes, como o v. 1,1 que tem uma aparência de título da genealogia ou até de todo o Evangelho. 2) Outro versículo que mereceria um tratamento especial é o 1,17 e a numeração das gerações entre o Patriarca Abraão e o Messias, Filho de Davi. 3) Um caso também curioso é o de 2,1, que não comenta o nascimento de Jesus, propriamente dito, mas sim dá ao leitor a informação de que ele havia nascido, abrindo a narração, a seguir, para o “novo êxodo” empreendido pela família. Vale lembrar que Toda a iconografia e até a fantasia feita em torno ao nascimento físico de Jesus corre por conta do relato de Lucas, embora lá também não exista uma espécie de “descrição” do nascimento, mas sim apenas a menção de que ele nasceu e a apresentação de alguns fatos a isto relacionados. 4) Em 1,1 tem-se o que pode ser tanto o v. de introdução à genealogia de Jesus quanto introdução ao que se chama aqui de “Evangelho dos Mistérios da vida oculta de Jesus” e até de todo texto de Mateus. 5) Os vv. 2 a 17 apresentam a genealogia de Jesus com muitos nomes que são ligados uns aos outros por uma suposta relação de parentesco. Note-se que É muito interessante a maneira de ligar os nomes no texto mateano. Como se sabe, as genealogias são, no Pentateuco, uma característica da tradição sacerdotal. Aqui a genealogia de Jesus deve estar em função da sua identidade messiânica. Entre os vv. 18 a 25 encontra-se o relato da anunciação a José, quando ele é chamado de “Justo”. No final do v. 25 o texto menciona o nascimento de um filho da esposa de José que recebe dele o nome de Jesus. Desta forma o nascimento de Jesus, propriamente falando, já foi assinalado no final do primeiro capítulo. O segundo capítulo inicia um tema novo, que pode ser chamado de aceitação e rejeição do Messias recém-nascido.

resultado é que os magos, com efeito, percebendo-se usados por Herodes, o ludibriam e causam sua fúria assassina. É difícil não enxergar aqui o tema da opressão do Faraó sobre os hebreus e a criatividade das parteiras Sefra e Fua, de Êxodo 1,15–22. Ali também o poder inimigo da ação de Deus impõe a morte como retaliação e vingança.

E chega-se à seção que, a este artigo, interessa: os vv. 13 a 23, ainda que de modo não sequencial. Nela encontram-se, a princípio<sup>29</sup>, três citações do Antigo Testamento, embora uma delas seja enigmática, pois não é literal, podendo apenas ser suposta, como se fará mais à frente.

O texto compreendido entre os vv. 13 a 23 não apresenta dificuldades quanto à sua delimitação, como apresentado adiante. O que pode sugerir algum problema é a citação de Jr 31,15, inserida no intervalo narrativo dos vv. 16 a 18, quando o tema dos magos e Herodes, com o engano deste último, é descoberto. O episódio é impressionante e já rendeu bons comentários. Este ponto é também significativo para a avaliação de situações de crise e superação.

O que parece que existe é uma história dentro da outra: a resposta de José ao iminente perigo de morte de sua família e a ira de Herodes provocada pela criatividade dos magos em superar a maldade real, nos vv. 13-15 e 19-23, serve de moldura para a matança dos meninos em Belém, nos vv. 16-18. Este último texto não será aqui analisado.

Depois da indicada morte de Herodes, José deve retornar do Egito para a Terra Prometida aos patriarcas. O que parece ser o elo entre estas seções narrativas são as figuras do mensageiro divino em relação a José e dele, no papel de um “novo Patriarca”, que à semelhança do antigo José recebe a comunicação divina pela via onírica. Em outras palavras, o fio condutor, necessário de ser evidenciado no texto, é composto pelas figuras de José e do mensageiro/anjo.

O mensageiro celeste ou anjo tem a função de levar um anúncio, uma “boa-nova” ou “evangelho” aos que devem recebê-lo e, por isso, agir. José é quem recebe este “evangelho” e, efetivamente, age. Tudo em função do principal objetivo do texto: a messianidade de Jesus<sup>30</sup>.

### **3 O TEXTO DE Mt 2,13-23**

#### **3.1 Plano geral**

<sup>29</sup> “A princípio”, pois poderiam ser encontradas menções (referências não literais) a outros textos.

<sup>30</sup> SALDARINI, A. J. *A comunidade judaico-cristã de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 284-285.



A perícopre de Mt 2,13-23 apresenta-se com três seções distintas. O elemento divisor é uma citação do Antigo Testamento que conclui o assunto da seção anterior. O final é bem delimitado por uma clara mudança de situação e tempo. As seções da perícopre são os vv. 13 a 15, 16 a 18 e 19 a 23.

- a) Dos vv. de 13 a 15 tem-se a intervenção angélica a José, que lhe deixa clara a urgência da fuga, pois o rei Herodes deseja matar o procurado “rei dos judeus”. É o início da crise que exige uma resposta imediata de superação. A seção termina com um versículo de Oséias;
- b) Nos vv. de 16 a 18 tem-se a reação de Herodes frente ao que lhe parece uma afronta da parte dos magos. Aqui se insere a informação da matança dos inocentes. A seção termina com a menção de Jr 31,15 que é parte de um todo maior, central do texto canônico do Profeta. O “todo maior” é 30,4-31,22 que os entendidos reconhecem como uma espécie de centro da mensagem do Profeta Jeremias.
- c) E de 19 a 23 encontra-se a segunda parte da crise, com o retorno da família liderada por José. Ele percebe os possíveis riscos do estabelecimento na região da Judeia e por isso parte para a Galileia. O texto termina com a menção a uma profecia que não se sabe de onde é, ao menos do ponto de vista literal.

O que interessa neste artigo é a articulação literária e teológica entre a primeira seção, vv. 13 a 15, e a terceira, vv. 19 a 23. A segunda seção é uma parte da perícopre anterior inserida nesta perícopre e cria sequência narrativa quando colocada depois da primeira seção.

A seguir apresentamos uma tradução literal do texto em questão nas suas duas seções, a primeira e a terceira:

<sup>13</sup> Retirando-se eles (os magos), eis que o anjo do Senhor aparece em sonho a José, dizendo:

“Levante-se, tome o menino e sua mãe e fuja para o Egito e esteja lá que eu te fale, pois Herodes deseja matar o menino.”

<sup>14</sup> Ele se levanta, toma o menino e sua mãe de noite e parte para o Egito.

<sup>15</sup> E esteve lá até a morte de Herodes

para se cumprir o que fora dito por meio do profeta:

“Desde o Egito chamei o meu filho”.

[...]

<sup>19</sup> Tendo morrido Herodes eis que o anjo do Senhor aparece em sonho a José no Egito,

<sup>20</sup> dizendo: “Levante-se, tome o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel

pois morreram os que atentavam contra a vida do menino”.

<sup>21</sup> Levantado, tomou o menino e sua mãe e entrou na terra de Israel.

<sup>22</sup> Ouvindo que Arquelau reinava na Judeia no lugar de seu pai Herodes, teve medo de lá ir.

Instruído em sonho retirou-se para a região da Galileia (e)

<sup>23</sup> indo morar em uma cidade chamada Nazaré

a fim que se cumprisse o que foi dito por meio dos profetas:

“Nazareu será ele chamado.”

Vejam-se alguns aspectos importantes dos vv. singulares ou em grupo, quando necessário conforme a sequência narrativa.

### 3.2 Análise

v. 13: *Retirando-se eles* (os magos), *eis que o anjo do Senhor aparece em sonho a José, dizendo: “Levante-se, tome o menino e sua mãe e fuja para o Egito e esteja lá que eu te fale, pois Herodes deseja matar o menino”*: O texto inicia com a constatação da partida dos magos, que não são nomeados, mas pressupostos, pois a cena anterior centralizava-se neles. É o participio “retirando-se eles”, que dá ideia de unidade com a perícopre anterior, para criar a sequência narrativa com o episódio apresentado nos vv. 16 e 18.

*Retirando-se eles*: Os magos retiram-se e com eles vai o reconhecimento da dignidade régia do menino nascido em Belém. O tema do messianismo davídico é relevante e será retomado em alguns momentos importantes de Mateus, como no encontro com os dois cegos e na sua cura, em 9,27–31; quando um endemoninhado cego e mudo é curado e a multidão aclama Jesus Filho de Davi, em 12,23; quando outros dois cegos próximos de Jerico, são curados, em 20,29–33; quando Jesus é aclamado, explicitamente, “Filho de Davi”, na entrada em Jerusalém, em 21,9.15; no debate sobre a identidade do Messias e sua filiação davídica, em 22,41–46. É um tema complexo sob muitos aspectos e já está presente no primeiro versículo do texto mateano, quando se apresenta o “Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão”.

*Levante-se, tome o menino e sua mãe e fuja para o Egito:* O v. continua com uma intervenção angélica em sonho a José. Nela o mensageiro ordena uma mudança de situação imediata. Os verbos no imperativo indicam inequivocamente uma situação de ordem: *egerteis* (particípio com sentido imperativo), “levante-se”; *paralabe*: “tome”; *feuge*: “fuja”. A menção ao Egito não é apenas uma referência geográfica ou indicação de finalidade. Parece ser um elemento teológico de importância. A ida ao Egito retoma o esquema clássico da história de Israel: Os patriarcas foram ao Egito e de lá voltaram. Agora é o “novo patriarca” que deve ir ao Egito. Além desta nação estar fora do alcance de Herodes, tem também um símbolo muito marcante nas histórias de libertação e decisão pelo Deus da Aliança.

Nestes episódios aparecem várias ironias. São contrastes de figuras e situações que vão desenvolvendo uma história altamente simbólica. O episódio dos magos e Herodes apresenta este último enganando seus visitantes. No entanto, quem acaba sendo enganado é ele. Os magos vão ao encontro do rei que procuram, mas encontram um rei ilegítimo. Herodes, com efeito, não era judeu, mas asmoneu, usurpador do trono, apoiado pelo poder romano que ele atraía com bajulação e subserviência. Embora ele desejasse atrair os romanos, pagãos, com favores e propostas, são os magos, também pagãos, que são atraídos pelo sinal cósmico e vão ao encontro do rei, sem que alguém os chame.

... *pois Herodes deseja matar o menino:* Esta constatação é assustadora, pois se trata de um infanticídio. Em 1Rs 11,40 Jeroboão deve, também ele, fugir para Egito. O profeta Urias, filho de Semeias, deve fugir para o Egito, perseguido pelo rei judaíta Joaquim. Onias, Sumo Sacerdote, deve também fugir para o Egito, procurando escapar de Antíoco Epífanes, conforme relata Josefo<sup>31</sup>.

v. 14: *Ele se levanta, toma o menino e sua mãe de noite e parte para o Egito.* Este versículo é quase uma reprodução ativa do anterior, que era imperativo no seu tom, sendo este no modo indicativo. Às ordens angélicas compreendidas em sonho por José corresponde uma decisão rápida e inteligente pelo novo patriarca. Ele deverá fazer uma caminhada para o Egito como um dia seu homônimo sonhador, José<sup>32</sup> um dos doze filhos de Jacó, fizera, segundo o relato novelístico de Gn 37,2-48,21\*<sup>33</sup>.

<sup>31</sup> FLÁVIO JOSEFO. *História dos hebreus*. 8. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004. Livro XII, cap. 6.

<sup>32</sup> O relato de José, no livro do Gênesis, é da categoria de “novela”. Ele apresenta-se como uma história exemplar que o fiel judeu, leitor da Torah, encontra como modelo de conduta e adesão às virtudes da Aliança com os Patriarcas. Além disso, os temas teológicos paralelos entre José, do Egito e José, pai de Jesus, são recorrentes e um é o modelo tipológico do outro.

<sup>33</sup> Recorde-se que o asterisco (\*) seguindo uma referência bíblica indica que ela não contém o tema em toda a sua extensão, sendo interrompido em um ou mais momentos.

...e parte para o Egito. O Egito apresenta-se de modo muitas vezes ambíguo no texto bíblico. Símbolo máximo de idolatria e sinal de tudo o que é contrário à Aliança, o Egito aqui aparece como segurança e salvação para a família do Messias davídico.

As referências ao Antigo Testamento, presentes nestes dois versículos, são múltiplas<sup>34</sup>. As ordens dadas a José, no modo imperativo, recordam muito as ordens dadas a Abraão. Sair, deslocar-se, mudar de situação física, geográfica, familiar e até teísta. Tais mudanças geram situações novas para Abraão. Para José geram a superação da crise.

v. 15: *E esteve lá até a morte de Herodes para se cumprir o que fora dito por meio do profeta: “Desde o Egito chamei o meu filho”*. A citação é do Profeta Oséias 11,1. Oséias, em hebraico *hošē’a*, abreviação do conhecido nome *y’hōšu’a*, *YHWH salva*. É um nome teofórico que expressa um projeto teológico evidente - a salvação. A antiguidade da grafia Oséias, *hošē’a*, comporta a segurança da ação de Deus sobre a pessoa que o possui e, certamente, sobre Israel, a despeito de sua ação infiel e de tudo o que isto indica.

A citação de Oséias<sup>35</sup> é do tipo chamado “citação de cumprimento”. Trata-se de uma citação tomada do Antigo Testamento para marcar o cumprimento de uma profecia ou uma perspectiva teológica. Ela é citação de cumprimento na medida em que cumpre algo antes anunciado, embora possa ser compreendido como algo anunciado somente no seu cumprimento<sup>36</sup>.

O Oséias histórico é do tempo um pouco anterior da queda da Samaria. É provável até que ele não tenha testemunhado este fato lamentável, acontecido em 721 a.C. Sua atuação pode ser situada entre 750 e 735 ou, no máximo até 725, portanto antes da invasão do Reino do Norte, um período marcado por profundas perturbações. Em Os 7,8-9 parece que se encontra uma alusão à guerra siro-efraimita de 734, quando a Samaria assume compromissos com Damasco e contra Jerusalém. Oséias 7,11-12 sugere que este é um ato ingênuo e que terá repercussões. Os capítulos 8-9 sugerem que Samaria está no limite e Israel cairá em breve. Os santuários do Reino do Norte, nascidos como uma reação à centralidade do Templo de Jerusalém, agora estão marcados pelos cultos cananeus, onde a prostituição sagrada é comum. Em 1Rs 12,28-29 encontra-se uma menção do erro da fundação destes santuários. Jeroboão I começou uma sucessão de rei que fizeram o mal aos olhos do Senhor e imitaram sempre seus pais. Israel não foi fiel a seu projeto original, mas seguiu as práticas da terra de Canaã.

<sup>34</sup> O uso de uma bíblia com referências deixa à mostra as diversas influências sobre o texto. Aqui não se faz uma leitura diacrônica, que seria interessante.

<sup>35</sup> O aparato crítico indica que a versão siríaca sinática inclui, de modo equívoco, “da boca de Isaías”.

<sup>36</sup> É uma citação de cumprimento quando algo se cumpre. Antes era apenas uma palavra simbólica, uma advertência, etc.

Aparece em Oséias o campo semântico ligado à ideia de amor: amar, seduzir, desposar, matrimônio, marido, falar ao coração, abandonar, trair, mentir, adultério, odiar, cobrir de vergonha, buscar, descobrir a nudez, seguir os amantes, gerar, prostituir.

*Do Egito chamei o meu filho:* O pequeno texto de Oséias citado em Mt 2,15 é menos da metade de um versículo. Note-se que não há qualquer leitura diferente para este texto, conforme indica o aparato crítico: Refere-se originalmente ao reino do norte, Israel, em muitos lugares chamado de Efraim. No texto de Oséias tem-se um longo poema no qual o Profeta, dando voz ao Deus da Aliança, lamenta os fatos ocorridos com seu povo escolhido e lembra as ações de salvação empreendidas em seu favor. O v. 11,1 é este, em tradução própria: *Quando Israel era um menino, eu o amei, e desde o Egito eu chamei o meu filho.*

A profecia citada no contexto do retorno do Egito, aplicada àqueles que fugiram da sanha de Herodes, é um oráculo de eleição. Israel, certamente não apenas o reino do norte mas todo o Povo da Aliança, é escolhido pelo seu Deus para ser um povo e criar uma história de salvação para si e para todos os povos.

O v. 13 ordenava que José agisse e, indo até ao Egito, lá ficasse, pois Herodes desejava matar o menino. O v. 14 apresenta José agindo e fugindo para ficar no Egito, pois o rei que devia defender o Messias, deseja matá-lo. E o v. 15 completa o quadro com a morte de Herodes. Isto é irônico: quem desejava matar acaba por morrer! O perseguido, por sua vez, sobrevive e retorna para sua terra, sendo introduzido em uma profecia que se referia, originalmente, às origens de Israel. “Do Egito chamei meu filho” passa a ser, ao leitor que conhece o desenvolvimento da história apresentada no Evangelho, uma declaração do chamado feito pelo Deus que Jesus, no mesmo texto de Mateus, irá identificar como seu Pai, como no texto do “Pai Nosso”, em Mt 6,9ss.

A morte de Herodes, fato histórico de importância, pois muda a situação da Judeia, é comentada por Flávio Josefo em História dos Hebreus:

Não houve jamais príncipe mais colérico, mais injusto, mais cruel e mais favorecido pela sorte. Pois, tendo nascido em condição humilde, chegou a subir ao trono, venceu perigos sem conta e viveu muitos anos. Quanto aos seus dissabores domésticos, embora as tentativas de seus filhos contra ele o tivessem tornado muito infeliz, segundo meu parecer, ele foi mesmo feliz nisso, segundo o juízo que disse ele fazia, porque não os considerando mais como seus filhos, mas como inimigos, ele os castigou e vingou-se deles.<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup> FLÁVIO JOSEFO, *História dos hebreus*, p. 804-805.

“Desde o Egito chamei o meu filho” apresenta também o mesmo verbo, *ekalesa*, de *kaleo*, “chamar”, tanto no sentido de convidar para deslocar-se em direção a algum ponto, convidar ou convocar, quanto no sentido de nomear ou identificar. Esta aparente duplicidade de sentido, quanto ao objeto, está presente no v. 23, fechando a perícopé com a expressão “Nazareu”. Assim, “desde o Egito *ekalesa* (chamei) meu filho”, no v. 15, e “*Nazareu klesetai*” (ele será chamado).

Os vv. 16 a 18, segunda seção da perícopé em evidência, fazem a sequência narrativa da história de Herodes e dos magos, iniciada em 2,1-12<sup>38</sup>.

vv. 19 e 20: *Tendo morrido Herodes eis que o anjo do Senhor aparece em sonho a José no Egito, dizendo: “Levante-se, tome o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel pois morreram os que atentavam contra a vida do menino”*. A nova situação, inaugurada pela agilidade de José frente à crise da perseguição sobre o menino, é que ele está a salvo, junto de sua mãe. A superação da crise foi pela ação do novo patriarca. Note-se que do novo patriarca a atitude que se espera é a decisão da ação. O v. 20 é quase igual ao v.13, o que parece ser um estereótipo<sup>39</sup> de ordem angelical que se repete.

A afirmação onírica do anjo a José, “[...] pois morreram os que atentavam contra a vida do menino”, é curiosa. O texto dizia que Herodes desejava matar Jesus; agora é mais de um, pois eles morreram, é uma indicação de plural. Em Ex 4,19 o Senhor fala a Moisés, animando-o ao retorno para o Egito, desta forma: “[...] porque estão mortos todos os que atentavam contra a tua vida”. Moisés, tal como será com José, deve tomar sua mulher e seu filho (Ex 4,20ss) e retornar para o Egito. E isto é interessante, pois aqui, em Êxodo, como em Mateus, trata-se de uma posição de resistência contra o opressor.

O Egito era a salvação para a perseguição de Herodes. Agora, “a terra de Israel”, citada desta forma apenas aqui em todo o Novo Testamento<sup>40</sup>, é a Terra Prometida, aonde o Povo da Aliança deve habitar, será visitado pelo seu Deus, na pessoa do Messias. Lá se dará a salvação.

v. 21: *Levantado, tomou o menino e sua mãe e entrou na terra de Israel*. Chama a atenção do leitor a insistência em um verbo: *egeiro*, levantar, acordar, erguer. É um dos verbos da ressurreição. Tem uma conotação de ação, de realização de algo enquanto finalidade teológica. Está presente nos vv. 13 e 20 como ordem dada a José, o novo patriarca;

<sup>38</sup> Eles completam os fatos lá iniciados, pois indicam qual foi a vingança do perseguidor. Não estão dentro do interesse deste artigo.

<sup>39</sup> BROWN, *O nascimento do Messias*, p. 244.

<sup>40</sup> BROWN, *O nascimento do Messias*, p. 244.

nos vv. 14 e 21 como cumprimento da ordem. A comunicação onírica é outro dado importante na sequência das ações: aparece nos vv. 13, 19 e 22. Neste último v. aparece sem a presença do “anjo do Senhor”. Este “anjo do Senhor” é a fonte das ordens dadas a José e aparece nos vv. 13 e 19, as duas vezes ligado ao sonho do patriarca.

vv. 22 e 23: *Ouvindo que Arquelau reinava na Judeia no lugar de seu pai Herodes, teve medo de lá ir. Instruído em sonho retirou-se para a região da Galileia (e) indo morar em uma cidade chamada Nazaré a fim que se cumprisse o que foi dito por meio dos profetas: Nazareu será ele chamado.* Arquelau era etnarca da Judeia, Samaria e Idumeia, nomeado pelo Imperador Augusto por volta 4 aC. Era filho de Herodes, o grande, e Maltace e seguiu bem os exemplos de seu pai. Foi um grande construtor e um grande opressor dos judeus, seus súditos. Interferiu muito na vida do Templo de Jerusalém e criou animosidade entre os líderes. Por isso, depois de nove anos de poder, foi deposto por Augusto e exilado na Gália. A respeito dele afirma Flávio Josefo na mesma obra *História dos Hebreus*:

Depois, quer Arquelau voltou à Judeia e tomou posse de sua Etnarquia, tirou o sumo sacerdócio de Joazar, filho de Boeto, que ele acusava de ter favorecido o partido dos sediciosos e a deu a Eleazar, irmão de Joazar. Reconstruiu depois magnificamente o palácio de Jericó, fez levar para uma planície de palmeiras que tinha feito abaixo, a metade da água que passava na aldeia de Neara; construiu uma vila à qual deu o nome de Arquelaide e não teve receio de violar as leis de nosso país, desposando Glafira, filha do rei Arquelau, viúva de Alexandre seu irmão, do qual ela tivera filhos. Eleazar não exerceu o sumo sacerdócio por muito tempo, porque Arquelau lho tirou para dá-la a Jesus, filho de Sias.

No décimo ano do governo desse príncipe, os mais ilustres dos judeus e dos samaritanos, não podendo tolerar por mais tempo seu domínio tirânico, acusaram-no perante Augusto e o fizeram tão ousadamente, expõe-lhe suas queixas, quanto sabiam que ele lhe havia expressamente recomendado governar seus súditos com bondade e justiça. Augusto irritou-se de tal modo contra ele que, sem se lhe dignar escrever, disse a Arquelau, seu representante em Roma, que partisse naquela mesma hora para traze-o a Roma. Este obedeceu e chegando à Judeia, encontrou seu senhor num grande banquete, que ele dava aos amigos. Expôs-lhe sua comissão e o acompanhou a Roma, onde depois que Augusto ouviu seus acusadores e sua defesa, confiscou-lhe tudo o que ele tinha de dinheiro e o mandou exilado a Viena, cidade de Gálias.<sup>41</sup>

#### 4 A SUPERAÇÃO DOS HUMILDES

O final do v. 15, “[...] do Egito chamei o meu filho”, texto citado de Oséias, junto com o final do v. 25, “[...] Nazareu será ele chamado”, compõe o tema da superação, iluminado pela ideia de que Deus está conduzindo a história. É claro que estes vv. têm mais perspectivas exegéticas e teológicas, mas esta é a que motivou este artigo.

<sup>41</sup> FLÁVIO JOSEFO, *História dos hebreus*, p. 821–22.

A afirmação “Nazareu será ele chamado” do final do v. 23 aparece em dois sentidos. 1) Como um gentílico que indica a proveniência de Jesus. No caso ele é “Jesus Nazareu” ou “Jesus de Nazaré”: a referência de local é o adjetivo que indica a sua proveniência. 2) Como um epíteto que o indica sujeito de uma qualidade específica: a do nazirato. Parece que o autor de Mateus permitiu esta ambiguidade. Isto pode ser intuído do conjunto de todo o texto evangélico.

A questão é que esta não é uma citação literal. Deve ser entendida, provavelmente, de um modo mais amplo. Primeiro deve-se notar o plural sinalizando que são “profetas” que fizeram a afirmação. Talvez se indique, desta forma, não um específico Profeta, mas o conjunto dos Profetas em uma imagem marcante para a identidade do menino.

A profecia pode referir-se a Jz 13,5.7, aonde se encontra, *nāzîr*, que significa consagrado, separado. Outra possibilidade seria a de *nezêr*, faria referência a Is 11,1, onde se encontra a expressão “rebento”<sup>42</sup> uma antonomásia para o renascimento da Aliança. Uma terceira hipótese é de *nāzar*, que tem a ver com algo que se guarda e, por extensão, um “resto”, que é um tema importante nos Profetas, como em Isaías 42,6 ou 49,8<sup>43</sup>.

Em outra direção, talvez mais abrangente, tendo em conta o conjunto dos textos evangélicos, é a de Schillebeeckx, que indica “Nazareno” como sinal do Crucificado<sup>44</sup>. O paralelo é muito interessante, pois é a relação entre aquilo que irá indicar o *titulus crucis* como identidade de Jesus declarada por Pilatos (João 19,19), pois terá sua origem, ao menos suposta pelos contemporâneos, em Nazaré da Galileia. Diz Schillebeeckx: “Esse termo, usado para indicar Jesus, muitas vezes tem conotação dolorosa: ‘o Nazareno’ significa praticamente ‘o executado’<sup>45</sup>. Ele lembra que esta relação é bem clara em At 4,10 e Mc 16,6. Tal caminho de identificação, embora pareça bem interessante e tenha uma grande validade, parece um pouco forçado. Indica um projeto maior do que uma perícopes ou um conjunto delas - trata-se de um

---

<sup>42</sup> Talvez aqui esteja uma perspectiva teológica subliminar. Rebento, renovo, é o mesmo de broto, uma parte da planta que, com muita fragilidade, inicia seu crescimento para a formação de uma nova planta. Note-se que José, depois da morte de Herodes, cujo epíteto é “Magno”, “grande”, leva seu filho (sua família) para Israel (v. 21); vai para a Galileia (v. 22) e chega em Nazaré (v. 23) - uma espécie de decrescendo de grandeza ou importância. E, nisto tudo, está o que Jesus depois irá declarar: “Bem-aventurados os pobres em espírito...” (Mt 5,2). A vitória, sem guerra ou batalhas, sobre Herodes, não criou prestígio ou fama, mas levou à simplicidade, ao escondimento. Não será uma indicação dos mais pobres e frágeis como “broto” do Reino dos Céus?

<sup>43</sup> Sobre estas possibilidades e algumas de suas consequências, ver: HARRIS, R. L. et al. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 945-47 e 994.

<sup>44</sup> SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 333.

<sup>45</sup> SCHILLEBEECKX, *Jesus, a história de um vivente*, p. 333.



todo teológico, a compreensão de uma verdade que foi gerada e composta por um fantástico drama humano, étnico e histórico: a vida de Jesus<sup>46</sup> e sua memória entre os seus seguidores.

O que parece correto pensar é o que afirma Meier, quando se refere ao conjunto do que ele chama (junto com muitos outros) de Narrativas da Infância, mas que pode ser bem delimitado como compreensão das duas citações de cumprimento abordadas aqui. Elas, as Narrativas da Infância, são

[...] produtos da reflexão cristã primitiva quanto ao significado salvífico de Jesus à luz das profecias do Antigo Testamento. De forma significativa, os grandes temas cristãos das tradições da morte-ressurreição, nos Evangelhos e nas primeiras fórmulas do credo, foram transferidos para as histórias da concepção e do nascimento. Assim, torna-se claro um importante ponto teológico em que as Narrativas da Infância insistem: o que Jesus acabou por revelar-se na ressurreição (Filho [da casa] de Davi, Filho de Deus pela força do Espírito Santo), ele na realidade já era desde o momento de sua concepção.<sup>47</sup>

A situação proposta por Mateus é de crise pela perseguição. Do ponto de vista narrativo a situação configura-se dramática, pois envolve uma jovem mãe que recentemente dera à luz e um recém-nascido, com todas as fragilidades que lhe são naturais. Uma fuga em tais circunstâncias é de uma dificuldade enorme.

O grupo de discípulos de Jesus, talvez já uma segunda, terceira ou até quarta geração, deve ter encontrado ânimo e forças para caminhar com este novo paradigma: Jesus, tornado seu Mestre e Senhor. O “Jesus Nazareu”. Ele dava a este grupo e aos que chegavam, além do ânimo e da força, também o olhar mais adiante, que a teologia vai chamar de “escatológico”. Pagola expressa bem esta ideia:

Jesus é o *Messias* (o Cristo) no qual chega a seu cumprimento a história de Israel. Sua ressurreição deixou-o claro. Não se deve continuar esperando ninguém mais. Ressuscitando Jesus, Deus identificou-se com sua vida e com seu ensino, dissipando as dúvidas que possam surgir entre os judeus que aderem a Jesus ou os que o rejeitam. Jesus é a plenitude, o cumprimento, as esperanças de Israel feitas realidade. Só ele merece ser apresentado com os títulos messiânicos da tradição judaica: Filho de Davi, Messias, Filho do Homem. Mateus vai apresentar esta identidade messiânica de Jesus adaptando-se à mentalidade de seus leitores judeus: Jesus pertence à família de Davi; nasceu em Belém, lugar onde, segundo as Escrituras judaicas, devia nascer o Messias, e sua vida vai cumprindo as profecias recolhidas em Israel.<sup>48</sup>

<sup>46</sup> “O vivente”, como o chama Schillebeeckx, inclusive no título de sua obra.

<sup>47</sup> MEIER. *Um judeu marginal*, p. 213.

<sup>48</sup> PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 534.

A superação das crises em torno à figura de Jesus e os que dele estão próximos é o sinal dos tempos messiânicos e afirmam sua identidade<sup>49</sup>. José, o patriarca do Novo Testamento, é o agente da resistência profética para o advento do “Nazareu”, que vem do Egito e se estabelece com os últimos. É ele o consagrado, o separado para o Reino que se estabelecerá em breve com sua mensagem, seu evangelho. É ele o broto, o renovo da Aliança que refloresce.

Afirmam Fabry e Scholtissek: “[...] a imagem de Cristo no evangelho de Mateus acentua a origem davídica do Messias Jesus, sua origem de Israel e seu envio a Israel (Mt 10,5-6; 15,24). Em sua missão messiânica “cumprem-se” as promessas das Escrituras”. E é certo que, desde o início a crise e a necessária resistência para sua superação pedem figuras especiais para ocorrerem. José foi esta figura, superando e ultrapassando a crise e a perseguição e, apoiado nos Profetas, abrindo as portas para o Messias<sup>50</sup>.

## REFERÊNCIAS

- BORG, M. J; CROSSAN, J. D. *O primeiro Natal: o que podemos aprender com o nascimento de Jesus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- BROWN, R. E. *O nascimento do Messias: comentário das narrativas da infância nos Evangelhos de Mateus e Lucas*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- CROSSAN, J. D. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu no Mediterrâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- FABRIS R. *Jesus de Nazaré: história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988.
- FLÁVIO JOSEFO. *História dos hebreus*. 8. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004.
- HARRIS, R. L.; ARCHER, G. L.; WALKER, B. K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- JEREMIAS, J. *Estudos no Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2006.
- MEIER, J. P. *Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

---

<sup>49</sup> Aqui está o núcleo da questão das aberturas dos Evangelhos, das “Aberturas Parabólicas”, nas “Narrativas da Infância”, dos “Evangelhos dos Mistérios da Vida Oculta de Cristo” ou de como se desejar chamar. O deslocamento de uma leitura teológica para uma leitura histórica, biográfica ou até mesmo com cores folclóricas tende a esvaziar o sentido dos textos que são muito densos e significativos.

<sup>50</sup> Dedico este artigo à memória do amigo e confrade muito estimado, Pe. Fausto Cuccu, OSJ (1944–1995).

PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SALDARINI, A. J. *A comunidade judaico-cristã de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 2000.

SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008.

STRAMARE, T. *San Giuseppe: daí Padri della Chiesa agli Scrittori Ecclesiastici fino a San Bernardo*. Domenicana Italiana: Napoli, 2009.

THEISSEN, G.; MERZ, A. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2009.

VIDAL, S. *Jesus, o Galileu*. São Paulo: Loyola, 2007.

*Mauro Negro, OSJ*  
Seminário de Teologia Padre Pedro Magnone  
Rua Marechal Pimentel, 24 – Sacomã  
04248-100 - São Paulo-SP  
mauronegro@uol.com.br